



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RAIZA DE FIGUEIREDO MENDES

HOMOFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Juazeiro do Norte
2020

RAIZA DE FIGUEIREDO MENDES

HOMOFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

RAIZA DE FIGUEIREDO MENDES

HOMOFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à coordenação do curso de
Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão
Sampaio, como requisito para obtenção de grau
de Bacharelado em Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega
Orientador(a)

Me. Francisco Francinete Leite Junior
Avaliador(a)

Me. Tiago Deividy Bento Serafim
Avaliador(a)

HOMOFOBIA NO CONTEXTO ESCOLAR

Raiza de Figueiredo Mendes¹
Alex Figueirêdo da Nóbrega²

RESUMO

O presente artigo aborda sobre a temática homofobia no âmbito escolar, destacando como o preconceito permeia nas escolas e suas consequências atribuídas aos alunos de orientação homossexual. Apresentando como objetivo geral analisar os desafios enfrentados por estudantes do ensino médio com relação à homofobia. Os objetivos específicos irão compreender como os estudantes lidam com o sofrimento físico e psíquico perante a homofobia; explorar a visão em que os professores possuem diante da educação sexual e preconceitos na escola e por último, analisar as consequências da homofobia perpassadas no âmbito escolar. O estudo se caracteriza em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Em relação aos resultados obtidos, aprofundar no tema abordado, proporcionou a compreensão acerca da homofobia que se faz instalada e enraizada nos ambientes educacionais, como também as angústias e aflições que os alunos homossexuais vivenciam cotidianamente. A homofobia tem sido uma grande problemática no contexto escolar, ao proporcionar violência psicológica e física nos estudantes homossexuais como também, ao fortalecer o ódio para com essas pessoas devido haver a escassez de posicionamento dos profissionais da educação, de ações governamentais e da escola em geral ao tratar de temas que envolva educação sexual em sala de aula.

Palavras-chave: Homofobia. Escola. Preconceito. Psicologia.

ABSTRACT

This article addresses homophobia at school, highlighting how prejudice permeates schools and its consequences attributed to homosexual students. Presenting as a general objective to analyze the challenges faced by high school students in relation to homophobia. The specific objectives will understand how students deal with physical and psychological suffering in the face of homophobia; explore the view that teachers have in the face of sex education and prejudices at school and, finally, analyze the consequences of homophobia pervaded at school. The study is characterized by a qualitative and bibliographic research. In relation to the results obtained, deepening the topic addressed, provided an understanding of the homophobia that is installed and rooted in educational environments, as well as the anxieties and afflictions that homosexual students experience daily. Homophobia has been a major problem in the school context, providing psychological and physical violence to homosexual students as well as strengthening hate towards these people due to the lack of positioning of education professionals, government actions and the school in general when dealing with topics involving sex education in the classroom.

Keywords: Homophobia. School. Preconception. Psychology.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: raiza01figueiredo@hotmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: alexfigueiredo@leaosampaioi.edu.br

1 INTRODUÇÃO

É evidente que o espaço escolar tem um porte de grande diversidade de pessoas, gêneros, raças e classes, sendo nitidamente possível identificar uma pluralidade de identidades sexuais nesse ambiente, no qual, se faz um espaço de socialização que visa promover conhecimento e somar aprendizados com igualdade de direitos, e teoricamente abstraindo-se de qualquer tipo de desigualdade e preconceito. Entretanto, levando em consideração a prática, essa realidade se faz longe de ser alcançada, pois o preconceito permeia grandiosamente nas escolas, inclusive, a homofobia.

O termo homofobia define-se como um preconceito em que pessoas direcionam aversão e ódio para com homossexuais, ou seja, pessoas que se relacionam ou sentem atração por outra do mesmo sexo (JUNQUEIRA, 2007). É de extrema facilidade notar que esse tema tem ganhado espaço para discussões e reflexões no meio social, no entanto, ainda é evidente a sua presença no dia a dia, inclusive no âmbito escolar, observando essa prática através de piadas, agressões físicas e verbais contra pessoas homossexuais.

Diante desse contexto e através da trajetória pessoal no curso de Psicologia, ao participar de palestras, minicursos e rodas de conversas envolvendo a temática, despertou-se a ideia da pesquisa na área. Também ao notar que, de fato, o nível de incompreensão dos indivíduos e a sociedade em geral diante da homossexualidade e seus preconceitos entrelaçados se faz grandioso. Torna-se válido também pontuar, como essa prática de preconceito aflige desumanamente os indivíduos, destacando-se os alunos de orientação homossexual do ensino médio, que atravessam esse preconceito no espaço escolar.

O tema possui grande relevância perante o âmbito acadêmico e social, devido observar a necessidade da compreensão dos inúmeros motivos que compõe o ódio e preconceito relacionado à homofobia no espaço escolar atualmente. Levando em consideração a sua relevância quanto à psicologia, essa, por ser uma área abrangente com um leque de conhecimento, se faz importante por expandir estudos e questionamentos sobre a temática e conseqüentemente proporcionar espaço para reflexões que interfere em aspectos de desigualdade e na luta diária pelos direitos desse público.

De acordo com as perspectivas abordadas nessa temática, o presente trabalho tem como questionamento: Qual o impacto da homofobia causado nos estudantes do ensino médio? Frente a esse contexto apresentado, é de fato, importante buscar compreender a forma

como o preconceito se instala nas escolas. Esse estudo tem como objetivo geral: Analisar os desafios enfrentados por estudantes do ensino médio com relação à homofobia. Em seguida, serão abordados os objetivos específicos, compreender como os estudantes lidam com o sofrimento físico e psíquico perante a homofobia, explorar a visão em que os professores possuem diante da educação sexual e preconceitos na escola e por último, analisar as consequências da homofobia perpassadas no âmbito escolar.

2 METODOLOGIA

O trabalho será construído através do método de pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo, havendo a utilização de estudos empíricos que destacam a homofobia no âmbito escolar. De acordo com Gil (2002, p.44), entende-se por pesquisa bibliográfica os estudos que são analisados por um aparato já desenvolvido, sendo esses: artigos científicos, livros e revistas. Segundo Demo (2000, p.21), a pesquisa empírica trata-se de estudos que condizem com a realidade de determinado contexto, ao analisar o seu procedimento dos dados por meio de variações de experiências.

Foram utilizadas as seguintes fontes: Scielo, Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico. Contendo as palavras chaves: Homofobia, Escola, Preconceito. Por fim, tendo os critérios de inclusão, artigos publicados nos últimos dez anos, em revistas indexadas e de língua portuguesa.

3 HOMOFOBIA

O termo homofobia tem origem por parte do Psicólogo americano Weinberg ao definir que seria como uma espécie de medo da sociedade ao manter aproximação com pessoas homossexuais, em seguida se fez conceituado pelo pesquisador Herek, que o estudou em aspectos voltados a questões sociais chegando a caracterizar a homofobia como um tipo de preconceito vinculado à sexualidade (COSTA; NARDI, 2015). Complementando com Poheschl e Venâncio (2012) esses destacam que a homofobia se transpõe por um caráter negativo conduzido a interferir de forma prejudicial os aspectos afetivos e emocionais ao público de pessoas homossexuais.

Segundo Rios (2007) destaca que a homofobia se trata de um tipo de preconceito desumano ao fazer com que os direitos básicos do público LGBTQ+ sejam vulneráveis injustamente por parte de indivíduos e ambientes intolerantes. A homofobia ao se fazer

decorrente do preconceito voltado a esse público, ainda acarreta fortes estigmas de forma grandiosa e adoecedora aos indivíduos, maioria deles convivem diariamente sob o medo de se impor e de realizar ações básicas na escola e em outros locais, chegando a abrir mão dos seus próprios direitos.

De acordo com Mott (2003), a homossexualidade tem como significado a igualdade de sexo na qual se direciona para homens que mantêm relacionamentos com outros homens e mulheres que se relacionam com outras mulheres, mesmo partindo da simplicidade desse conceito, são repercutidos por diversas polêmicas no espaço escolar diariamente. Outras situações ocorrem em relação ao perfil e características corporais de estudantes que são por vezes associados ao homossexualismo por outros alunos.

Segundo Muller (2000) com base nos apanhados históricos a homossexualidade percorreu um caminho árduo de dificuldades, preconceitos e violência, chegando a ser tratada como patologias e até mesmo depravação e indecência. Esses determinados termos referidos a homossexualidade ainda se fazem vigentes em dias atuais, embora exista conquistas adquiridas nos últimos anos. Lopes (2002) ressalta que maioria do público que sofre homofobia no ambiente escolar são meninos do sexo masculino esses por vezes, enfrentam dificuldades no ambiente escolar, ao não optarem por entrar em time de futebol, por exemplo, ou não fazerem parte de determinados grupos que possuam características tipicamente masculinas.

A princípio, a homofobia se constituiu por determinados eventos ao envolver discriminações direcionadas ao público homossexual, entretanto, a conceptualização desse termo acarreta inúmeros outros problemas, destacando a violência acompanhada por agressões físicas e verbais, exclusão social e até mesmo homicídios (BORRILO, 2010). De fato, entende-se que o termo homofobia está atrelado a questões a nível pessoal e cultural. Ao tratar da violência atribuída por parte da homofobia, Koehler (2013) afirma que a prática homofóbica permeia entre violência física e psicológica podendo chegar a serem fatais, inúmeras vítimas chegam a óbito por consequências desse determinado preconceito.

A homofobia é refletida num panorama social, embora tenha advindo do senso comum do norte da América em meados dos anos 1960, adiante se foi passada por transições, chegando a uma categoria dentro do âmbito da psicologia, na qual direcionou-se a notar essa prática em contexto de personalidade que envolve grande grau de violência (FERNANDES, 2010). Ao refletir sobre os determinantes fatos sociais, Foucault (1987), ressalta, que diante do que a sociedade representa, nota-se que costumes que não são praticados por grande parte dos indivíduos, ocasionalmente vêm a causar estranheza para o meio social, passando a serem

vistos como não politicamente correto. No que tange à sexualidade e diversidade sexual que foge do padrão da heterossexualidade, grande parte da sociedade enxergará tais fatores como perversão, patologia e imoralidade.

Ainda numa visão sociológica, pode-se compreender que existem relações de poder ao observar a interação de grupos distintos, onde os aspectos tornam-se favoráveis ao tratar-se de um grupo heteronormativo, sendo o contrário de um grupo homossexual. Dessa forma, compreende-se que esse preconceito se expande a partir de valores culturais construídos na sociedade (RIOS, 2007). De acordo com Souza (2013), a homofobia é, em contrapartida, uma consequência ao receio perante o que se faz oposto a heteronormatividade. Dessa forma, é desencadeado o preconceito contra as pessoas homossexuais, devido à sociedade seguir a diante com o que se entende por normativo.

Mott (2003) destaca que a homossexualidade foi retirada da categoria de patologia, desajuste sexual através do Conselho Federal de Medicina no ano de 1985 e em seguida em meados de 1999 se fez normalizada como orientação sexual por parte do Conselho Federal de Psicologia. Dessa forma, a homossexualidade poderia ser um termo naturalizado como algo do ser humano e que foge de quaisquer tipos de patologia.

O preconceito da homofobia não é algo que possa ser naturalizado ou deixado como causa insignificante na sociedade, no entanto é algo que servirá para manter a possibilidade para a compreensão de determinados efeitos e as diferenças de classes nos mais diversos contextos. Ao partir para um entendimento do sistema homofóbico, observa-se uma visão predominante, possibilitando reconhecer os indicadores através de desigualdade, violência física, psicológica, discriminação em diversos ambientes entre outros (FERNANDES, 2010).

Carneiro e Menezes (2004) ressaltam que os determinados tipos de preconceitos relacionados à sexualidade fazem com que inúmeros indivíduos se sintam inseguros com sua orientação sexual, tornando ainda mais dificultoso assumir-se publicamente. O preconceito direcionado para com pessoas homossexuais é evidenciado em volta das relações sociais e na formação da identidade desse público. Sua divisão poderá ser decorrente em diversos lugares, no âmbito escolar, na família, no trabalho, na igreja, na rua e em demais contextos políticos e sociais (BRASIL, 2012).

4 OS DESAFIOS ENFRENTADOS NO ESPAÇO ESCOLAR RESULTANTES DA HOMOFOBIA

Segundo Madureira (2007), a escola é um espaço que produz certas contradições, ao se tratar de um lugar de desconstrução onde poderá tornar o sujeito crítico, consciente de questões culturais e sociais, já em outra visão, nota-se que esse espaço reproduz questões de preconceito, desigualdade e exclusão. Dessa forma, é notório que, o ambiente escolar é compreendido como um espaço de produção de conhecimento e aprendizado, no entanto há evidências de violência por parte do preconceito, destacando a homofobia, principalmente aos estudantes do sexo masculino, devido à reprodução e o fortalecimento de indivíduos com identidade heterossexual (BRASIL, 2007).

Por existir uma série de incompreensões sobre temas relacionados à sexualidade no âmbito escolar, provavelmente irá ocasionar inúmeros problemas nos quais refletem grande número de estudantes vítimas do preconceito da homofobia, ou até mesmo o fortalecimento da prática do preconceito, por não haver oportunidades de serem temas inclusos na educação. Há uma necessidade de compreensão sobre temas de educação sexual, para que a escola possa tomar providências perante acontecimentos que levam ao preconceito (BARROS, 2018).

Para Borrilo (2010), o tratamento de discriminação a partir da homofobia atua de forma direta para que a heterossexualidade seja tratada como superior de forma natural, enquanto a homossexualidade será vista de forma inferiorizada, assim, nota-se que possivelmente existe uma hierarquia perante a sexualidade. Contudo, diversos profissionais da área da educação por vezes passam a afirmar que questões de sexualidade, os estudantes terão que serem orientados por suas famílias. Colaborando com Barros (2018), Para que pudesse inverter casos como esse, acredita-se que a escola e colaboradores deviriam proporcionar estímulos no intuito de mostrar para o estudante que questões de sexualidade deverá ser entendida como um processo de construção, no qual envolve diversos fatores e não apenas o que é imposto pelas regras da heterossexualidade.

Diante de dadas problematizações que refletem o espaço escolar com relação à prática da homofobia, pode-se compreender que a escola tem sido vista como um lugar para o público heterossexual, e maioria dos estudantes que se mostrem o oposto dessa orientação, tendem a permanecer no medo, em silêncio com receio do que possa enfrentar (BARROS, 2018).

Ao Longo dos anos, ao se abordar temas como estes e de sexualidade em geral nas escolas, o foco persistia em prevenções de infecções sexualmente transmissíveis (IST'S),

principalmente a AIDS, retratando também a gravidez, mas em boa parte das vezes se fez deixado a desejar questões de gêneros, diversidade sexuais e direitos de todo esse público, dessa forma, Louro (1997) afirma que, quando não há a abordagem de temas contendo essas questões nas escolas, se faz presente o fortalecimento para o preconceito e a restrição dos direitos desse público.

Melo Neto (2010) enfatiza ao relatar que a educação sexual no Brasil, é de fato ainda desprovida na formação de docentes, fazendo com que dificulte ainda mais abordar esse tema em espaço escolar. Segundo Tessarioli (2013) teoricamente a família possui a função de iniciar a educação sexual antes mesmo do indivíduo ingressar em outros espaços na sociedade, a escola tem como função dá continuidade à educação. Para Vianna e Diniz (2008) o espaço escolar estará propenso a tornar por minoria, o público que foge do padrão heteronormativo, assim, partindo para o aumento da prática de exclusão, rejeição e expansão de dificuldades atreladas a inúmeros prejuízos em relação à saúde e o rendimento escolar de estudantes que não condizem com orientação heterossexual.

Com base em pesquisa nas escolas públicas de Brasília, Abramovay (2009) destaca em seus resultados que 63,1% dos alunos afirmam terem observado pessoas homossexuais passando por situações de preconceito. Compreende-se que o âmbito escolar é um cenário fortemente ligado à prática da homofobia e demais tipos de preconceito, mesmo esse sendo um ambiente no qual deveria haver espaço para tratar dessas questões e direitos de igualdade, ainda se faz palco da prática de preconceito e intolerância ao se referir a determinados temas, principalmente a questões de gêneros e diversidade sexual.

Segundo Ramires (2011), o ambiente escolar tem se destacado como um dos mais homofóbicos, ao perceber através de inúmeros relatos de violência, humilhação e exclusão do público LGBTQ+. De fato, essas dificuldades interferem no rendimento escolar desses estudantes, supostamente poderá até elevar o grau de evasão nas escolas. Complementando com Kamel e Pimenta (2008) enfatizam que a homofobia no ambiente escolar se faz alarmante chegando a grandes níveis de violência, enquanto é vista de forma normativa por parte da maioria dos demais sujeitos que praticam o preconceito ou silencia o diálogo perante essas questões.

Para Prado e Junqueira (2011) a homofobia no âmbito escolar destaca-se em diversos níveis e conjunturas, se fazendo presente quando há reuniões entre membros da instituição com pais e familiares de alunos e praticam discursos perante a cultura heterossexual, em discursões em sala de aula ao normalizar certas questões e até mesmo quando não há a disponibilidade pra tratar de assuntos voltados a diversidade sexual e seus preconceitos. Dessa

forma, tal pensamento continua com Suplicy (1990), o qual destaca que, a família, o espaço escolar e o âmbito social no geral, tem função com relação ao papel de educação sexual, quando há insuficiência por uma dessas partes, em especial a família, poderá ocorrer distorções no decorrer da vida e ser levada adiante para outras questões que virão ao longo da vida.

5 AS CONSEQUÊNCIAS DAS PRÁTICAS HOMOFÓBICAS

Com base nos autores Solberg e Olweus (2003 apud ANTONIO et al., 2012) avaliam que o bullying homofóbico desencadeia uma série de problemas nos estudantes, problemas estes que serão refletidos em aspectos depressivos, autoestima afetada, comportamentos agressivos e questões de isolamento perpassado por pessoas que sofrem com o preconceito. Assim, se faz visível que a saúde mental e o bem estar desses indivíduos são imensamente afetados por consequência da homofobia.

Para Ferreira (2014), as questões de preconceito no espaço escolar deverão ser analisadas pela a escola e partindo dessa análise, deverá haver reflexões por parte dos membros colaboradores que estão inclusos nesse ambiente, para que haja uma contribuição a atender as necessidades dos estudantes que serão afetados por diversos tipos de preconceitos.

De acordo com Albuquerque e Cavalcante (2015), o fato dos indivíduos homossexuais serem minoria, também em termos numéricos, torna-os propenso a enfrentar maiores dificuldades, e dentro delas, a ligação ao suicídio, enfatizando que os jovens homossexuais tendem a cometer essa prática, três vezes mais do que em relação aos demais jovens. Ainda salienta que o período da adolescência atribui um maior grau de ansiedade direcionado aos indivíduos homossexuais, devido conter as dificuldades já pré-existentes, o fato do homossexualismo torna-se mais um obstáculo onde os mesmos irão percorrer.

As práticas homofobias poderão serem vistas também como um método de controle social que se direciona por parte de opressores para dominar o público homossexual, comparável a questões de racismo, desigualdade de classes e de gênero e assim passam a tratar com indiferença o que para esse público foge do normal, da heteronormatividade (SILVA; D,ADDIO, 2012). Em inúmeros contextos, as formas de violência homofóbica vêm de um público que segue um padrão fortemente de masculinidade, dessa maneira querem usar como justificativa o heteronormativo, e assim, conseqüentemente produzem a violência homofóbica. (GOUVEIA; CAMINO, 2009).

De acordo com Irigaray e Freitas (2013), muitos homossexuais, principalmente do sexo masculino, tendem a desenvolver estratégias visando evitar passar por violência em ambientes que sejam perceptível a presença significativa de homens héteros. A homofobia resulta de diversas maneiras na vida dessas pessoas, de forma impactante, onde os mesmos vivem reprimidos, evitando certos tipos de contato com as demais pessoas, até mesmo por questões sobrevivência.

Segundo Natarelli (2015) afirma que a homofobia afeta conseqüentemente a vida dos adolescentes, mesmo sendo um preconceito que estará propenso a atingir variáveis grupos independentemente de idade, prejudicando todos os níveis de saúde e o aumento dos fatores de riscos para com esses jovens, ao interferirem em seus direitos, por falta de espaço para tratar de determinadas questões que engloba todo o processo no qual envolve o bem estar dessas pessoas.

Ao analisar aspectos de violência e suas conseqüências no âmbito escolar, é possível perceber que há a existência de características e especificidades em pesquisas que envolve o bullying, que chama muito atenção. Diante dessa problematização Fante (2005), Lopes Neto (2005) e Pereira (2002), destacam pesquisas numa variação de métodos na busca de compreender a ocorrência de fato por meio de análises e diversas investigações de onde se origina as questões de bullying, sendo esse relacionados a homofobia e demais tipos de preconceito nas escolas.

Fante (2005) ressalta que o perfil de praticante de bullying segue um padrão e se divide em alguns grupos, sendo esses: pessoas que cometem a agressão, físicas ou psicológicas, as vítimas que irão sofrer as agressões, o público que será espectador, e vítimas que reagem a agressão. De modo geral as vítimas acometidas pelo preconceito são os estudantes que não se enquadra nos demais grupos na escola, e sofrem ataques advindos de outros colegas, geralmente envolvendo questões de classe, religião e orientação sexual.

Na perspectiva de Freire (2012), dentro dos problemas ocasionados por essa prática de preconceito, estarão também presentes a ansiedade, dores no estômago, insegurança, autolesão e até ideação suicida, acarretando também um grau elevado do consumo de substâncias psicoativas. Na mesma linha de pensamento, Madureira (2000) este aponta tamanha gravidade das formas de preconceitos relacionados a diversidades sexuais, que contribuem ao elevado grau de conseqüências em pessoas que não se enquadram na categoria de heterossexual, tendo como parte dessas conseqüências, o sentimento de culpa, constrangimento, depressão e demais problemas que serão atrelados ao cotidiano dessas pessoas.

Outros fatores importantes, segundo Souza (1995), são as fugas de suas residências, quando o fato de o homossexualismo não ser aceito no âmbito familiar, esses indivíduos, por vezes, irão parar nas ruas, sendo propensos a ingressar na criminalização. Contudo entende-se que a homofobia afeta em uma variação de graus a saúde mental, o estado emocional e certamente o bem estar dos indivíduos que se reconhecem como homossexuais, incluindo diversos tipos de dificuldades nos mais diferenciados contextos perante a sociedade de maneira geral.

6 EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: POSICIONAMENTO DOS EDUCADORES EM RELAÇÃO A HOMOFOBIA

Segundo Gesser (2012), destaca ao mencionar que o Brasil é um país que possui significativas ausências de seguridades perante leis que venham a regulamentar ações direcionadas à educação sexual no âmbito escolar, porém é contida a existências de documentações que contribuem para o progresso de ações e atividades a serem desenvolvidas nesse contexto ao buscar promover no fato de prevenir IST's, promover saúde e assegurar com base nos direitos humanos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), representam um marco muito importante como um conjunto de diretrizes para o trabalho dos profissionais da educação. A fim de orientar atividades produzidas na escola, o mesmo aborda assuntos variações de assuntos, inclusive dar espaço para professores realizar discussões com conteúdo de educação sexual. Os PCN poderão também destacar os professores e educadores em geral acessíveis para debater sobre questões de sexualidade e abrir debates para tratar de temas como preconceito e seus tabus, abstraindo-se de suas questões pessoais (BRASIL, 1998).

Para Ávila (2011), o impasse que os professores possuem ao discutir questões de sexualidade e preconceitos na escola são vistos diante da apreensão e do desconforto que existem em diversos alunos e profissionais que usam da heteronormatividade, crenças e religião para justificar determinadas ações que contribuem para o preconceito. Pesquisas em relação a temática de sexualidade voltada para a capacitação de professores realizada por Silva (2010), constata ser ainda de forma escassa, também compreender que grande parte dos profissionais não desenvolvem na prática o que se foi adquirido nas capacitações.

De acordo com Leão (2009), é identificável basicamente não haver menção de temas como homofobia e orientação sexual nas escolas por parte dos professores, e quando ocorre falas relacionadas a esse tipo de temática, por vezes parte de uma espontaneidade dos alunos e

não dos professores, dessa forma, também se faz visível que esses profissionais tratam do assunto de forma objetiva e pelo senso comum devido a existência enraizadas de tabus.

Complementando com os estudos de Costa (2009), evidencia-se que a falta de disciplinas e capacitações para profissionais da educação que trate desse contexto, atribui complicações no processo de transformações desse quadro no âmbito escolar, ao persistir o despreparo para tratar desse assunto partindo de teorias e métodos, a tendência é que os profissionais ignorem formas de preconceitos que ocorrem no dia a dia na escola, e quando aborda temas de sexualidade serão abordados no contexto biológico.

Diante de tais questões, Campos (2004) ressalta a precisão de refletir perante o processo de capacitação dos profissionais da educação, com a perspectiva em que esse não se restrinjam apenas na aproximação dessa temática, mas que venha a promover conhecimento para compartilhar com alunos e conseguir lidar de forma humanizada em situações de preconceito ao se aliar a políticas ligadas a educação que contribua para expandir essa temática no ambiente escolar.

De acordo com pesquisas com profissionais da educação do ensino médio em escolas da rede pública em Porto Alegre sobre temáticas relacionadas à sexualidade e homofobia realizadas por Borges e Meyer (2008), com intuito de compreender como esses profissionais lidam com questões de conter a violência e preconceitos homofóbicos, se objetivou na compreensão que há poucos professores que tratam do tema, e os que são mais aptos e preparados a produzir debates e atividades de cunho da educação sexual e seus preconceitos, se distancia do espaço de falar e de problematizar tais questões, outros resultados consideráveis nas pesquisas, ocorreu ao constatar por parte dos profissionais que estudo sobre educação sexual são desconsideráveis com relação as demais disciplinas existentes.

Segundo Figueiró (2009), afirma que em uma dimensão de desenvolvimento em preceitos éticos e políticos, nos quais, seja direcionada a educação sexual, se faria necessário levar em consideração que essa era pra atingir espaço em sala de aula através dos professores de modo não restrito e não apenas de forma superficial, no entanto, de maneira em que empregasse positivamente para que os alunos pudessem lidar de maneira segura ao seu conhecimento adquirido. Adiante dessa perspectiva, necessariamente, a escola seria espaço para proporcionar na construção de alunos na idealização que os tornem sujeitos críticos e aptos a compreender questões de desigualdade de gênero, preconceitos e o respeito perante a diversidade sexual.

A humanização e sensibilidade, com base em construtos de direitos humanos, são destacadas como princípios fundamentais que consistem na capacitação de professores para

desenvolver atividades na temática de educação sexual. Dessa maneira compreende-se que de fato, os profissionais terão que se permitir adentrar nessas questões por completo de forma humana, também, de certa forma, existem pontos que asseguram situações voltadas para a prática de violação de direitos quando atribuídas ao preconceito. (TONELI, 2004).

7 ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES GERAIS DA PSICOLOGIA CONTRA A HOMOFOBIA

Com relação ao âmbito da psicologia ao tratar-se dos aspectos da homofobia, é visivelmente notório que esse campo vem a contribuir positivamente ao combate de práticas homofóbicas, na medida em que busca estabelecer formas de conscientização, discussões e conhecimento sobre determinados temas relacionados a sexualidade e preconceito, pautados por estudos científicos e sociais. (Borges, Canuto, Oliveira; Vaz,2013).

Segundo Lima (2011), ao tratar-se de temas como orientação sexual, diversidade sexual em geral, serão definidas normas para atuações por parte do CFP asseguradas na resolução de nº 001/1999, de 22 de Março de 1999, na qual define que os psicólogos necessitam atuar a partir dos princípios éticos ao contribuir para extinção de quaisquer tipos de preconceitos, discriminação, inclusive, práticas homofóbicas.

Para Campos (2012), pode-se entender que a psicologia atuará com relação as práticas de descriminalização e preconceito, também numa visão de clínica ampliada, na qual abrirá possibilidades para tratar desses aspectos através de criação de redes e políticas públicas. Os profissionais de psicologia atuarão nessas causas a partir da desconstrução de estigmas e na construção de subjetividade. Corroborando com Passos e Barros (2009), apontam o quão importante se faz o campo da psicologia para contribuir com causas que evitam o preconceito, ao visar a potencialidade que espaços para retratar sobre determinados assuntos, sendo de forma individual na clínica ou em grupo nos equipamentos sociais.

Quando se trata de psicologia envolvida nos aspectos de políticas públicas, questões de direitos da população LGBTQ+, possibilita notar o enquadre do psicólogo junto a uma equipe composta por outros diversos profissionais, no quais, irão contribuir para tratar de variações de problemas que chegarão a dada instituição, essa equipe poderá atuar na produção de sentido e fortalecimento das pessoas que necessitam de suporte. Dessa forma, quando se trata de preconceitos precisamente homofobia, onde a vítima passa a necessitar certos tipos de orientações, a equipe se fará de caráter interdisciplinar podendo atuar em conjunto para que realize o atendimento necessário. (GUILHON, 2019).

Guimarães (2009) ressalta, ao discutir que a psicologia percorreu por um longo tempo se submetendo a ausência de um aparato de discussões em que envolvesse questões de gênero e diversidade sexual, assim, ocorria o fortalecimento para estereotípicos sobre o discurso de patologia diante da homossexualidade.

Teixeira (2011), afirma que apesar de haver discussões que enfatizam e estigmatiza a homofobia como patologia, os estudos e as teorias pautados no âmbito da psicologia estarão embasados em aspectos sociais, com base nas vivências e suas questões em determinados contextos, e não se assegura essencialmente em estudos genéticos para tentar definir questões de orientação sexual. Correa (2008) complementa ao definir que mesmo havendo a existência da contribuição da psicologia para proporcionar espaço onde seja debatido questões sociais sobre os temas de diversidade sexual e homofobia, ainda são refletidos baixos números de avanço ao se tratar de questões de direitos sexuais, havendo a necessidade de expansão da existência de democratização de todos esses direitos.

Para Silva e Barreto (2012), a psicologia poderá proporcionar trabalhos que de fato, sejam articuladores na desconstrução do preconceito da homofobia, ao observar a forma como a sociedade entende sobre esse problema, como os profissionais inseridos na educação articulam para lidar diariamente no contexto escolar, educacional e na visão que todos têm diante dessa problematização e assim, desenvolver estratégias que possam chegar a sociedade para contribuir de forma positiva.

Considera-se que a psicologia ao contribuir com suas práticas relacionadas a homofobia se faz essencial, principalmente ao tratar desse assunto com estudantes adolescentes nas escolas, ao desenvolver trabalhos que favoreça esse público está a par dos seus direitos e a importância do respeito sobre a diversidade sexual. (NENEVÉ; SOUZA, 2006)

Teixeira (2011) enfatiza que, ao tratar da posição da psicologia, estabelece um pensamento, no qual, afirma que a área possui de fato, um grande comprometimento social que envolverá profissionais destinados a atuar na diminuição desses determinados problemas enfrentados pela sociedade, tentando mostrar a compreensão de efeitos que o preconceito produz, as formas de opressão que cada vítima passa e na luta pela garantia da igualdade de gênero e na acessibilidade dessas pessoas aos equipamentos de saúde e educação. Desse modo, entende-se que a psicologia é área que prima pelos direitos de igualdade na busca de melhorias, não só através das suas questões de valores e crenças, mas sim também, por um aparato de teorias.

De acordo com a reflexão de Faria e Carvalhaes (2010), definem que a atuação do psicólogo é de suma importância para que haja espaços para discussões envolvendo a diversidade sexual, construindo novos saberes que potencialize o conhecimento perante a igualdade e que venha a enfraquecer os discursos homofóbicos. A homofobia tem se mostrado como um problema de suma relevância para a sociedade, principalmente para as vítimas, nessa questão deve-se compreender qual a visão que a sociedade possui diante desse fato, como entendem o preconceito, principalmente nas escolas, que a partir da forma de compreensão do preconceito, poderão intervir ao enfraquecimento desses.

Segundo Guimarães (2009), se o número de pessoas passasse a subir com relação ao entendimento da subjetividade de cada um, dos múltiplos pensamentos, que não necessariamente precisam ser iguais, haverá chances de uma construção de saber que contribuirá para a diminuição da homofobia, nesse contexto, caberia ao psicólogo auxiliar no acompanhamento de discussões atrelados aos seus estudos. Pois o campo da psicologia corrobora nesses temas nos quais prima por igualdade e respeito.

Contudo, a psicologia possui ferramentas que poderão ser cruciais juntamente no espaço educacional e também nas políticas públicas, assim atuará de forma conjunta no intuito de buscar estabelecer uma sociedade que lutam por direitos democráticos e acima de tudo respeitar as diferenças e entender as formas de igualdade. (Lionço; Diniz, 2008).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A homofobia se faz presente cada vez mais no mundo, tendo o âmbito escolar como um dos principais locais que evidencia essa prática, percebe-se a necessidade e a relevância de pesquisas direcionadas para essa temática, com o propósito de buscar compreender o que de fato vem a contribuir para que esse preconceito se instale nas escolas e buscar promover suporte para as vítimas que perpassam por situações homofóbicas.

Dessa maneira, foi notório nesse estudo compreender que a homofobia nas escolas, é de fato um problema longe de se obter resolução, devido a questões heteronormativas enraizadas na sociedade e a falta de posicionamento governamentais ou de outras gestões que deixa a desejar contribuições para que possa haver questões com relação a educação sexual nas escolas, como também a falta de capacitação para que os educadores abordem essa temática em sala de aula.

A homofobia no contexto escolar acarreta uma série de dificuldades para alunos que são alvo do preconceito, afetando suas relações, o psicológico, o rendimento escolar, ou até

mesmo a vida por inteira. Percebe-se que essa problemática poderá contribuir de forma negativa para que ocorra evasão desses alunos na escola, ideação suicida, depressão e problemas na família. Desse modo, o estudo proporcionou uma visão mais ampla na forma de desenvolver estratégias que contribuam para amenizar a prática da homofobia, salientando que, a educação sexual é de fato uma questão relevante para ser discutida com apropriação por parte dos professores contribuindo para debates, esclarecimento de dúvidas e ao combate das práticas homofóbicas no âmbito escolar.

Essa pesquisa bibliográfica direcionou-se proporcionar um aprofundamento de forma literária sobre as inúmeras maneiras em que a homofobia é praticada no espaço escolar e os elementos que interferem no preconceito, também buscando expandir uma gama maior de conhecimento perante o tema. A partir do assunto abordado, evidenciou-se também tamanha importância da área da psicologia em relação a problemática da homofobia nas escolas, tendo em vista em que o profissional de psicologia poderá contribuir ao proporcionar momentos de fala, suprir dúvidas e somar conhecimento com o público envolvido.

Portanto, conclui-se que a homofobia no âmbito escolar ocorre devido a uma série de fatores que envolvem questões de crenças, valores, religião e outras diversas complexidades que também estão entrelaçadas no meio familiar e social, porém, entende-se que também há a existência de falhas por parte de inúmeros contextos para que venha a contribuir ao combate do preconceito. Por fim, se faz de suma importância pesquisas relacionadas às questões homofóbicas ao se aprofundar no tema e compreender de fato, como o preconceito afeta as pessoas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-americana, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, 2009.

ALBUQUERQUE, P. P. & CAVALCANTE, L. **Homofobia na escola: relatos de universitários sobre as piores experiências**. Temas psicol. Vol.23 no. 3 Ribeirão Preto. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300011>. Acesso em 16 de junho de 2020.

ALMEIDA, H. R. A.; MAIA, L. M; CHAVES, H. V. **Homofobia na Escola: algumas posições assumidas por instituições de Psicologia no Brasil**. Rev. psicol. polít. São Paulo, v. 16, n. 35, p. 71-85, abr.2016. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2016000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 outubro de 2020.

ANTÓNIO, R. Et al. **Bullyng Homofóbico no contexto escolar em Portugal**. Psicologia, v26, n.1, p. 17-32. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492012000100002>. Acesso em 28 de maio de 2020.

AVILA, A. H., Toneli, M. J. F., & Andaló, C. S. de A. **Professores/as diante da sexualidade-gênero no cotidiano escolar**. Psicol. estud., 16(2), 289-298. 2011.
BARROS, E. A. **Bullying Homofóbico e Atuação da Escola: Reflexões Transdisciplinares**. UFRPE – Recife. 2018.

BASTOS, G. G; GARCIA, D. A; SOUSA, L. M. A. **A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação**. Ling. (dis)curso, Tubarão, v. 17, n. 1, p. 11-24, Apr. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-76322017000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 19 de outubro de 2020.

BORGES, Z. N; MEYER, D. E. **Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia**. Aval. pol. públ. Educ. 16(58), 59-76. 2008.

BORGES, L.S; CANUTO, A, A, A; OLIVEIRA, D, P; VAZ, R, P. **Abordagens de Gênero e Sexualidade na Psicologia: Revendo Conceitos, Repensando Práticas**. Psicologia: Ciência e Profissão, 33(3), 730-745. 2013

BORRILLO, D. 2010. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Belo Horizonte: Autêntica. 142 p. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2012000200019>. Acesso em 16 de junho de 2020.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental**. Estabelece os parâmetros curriculares nacionais - temas transversais. Brasília, DF: Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. 1998.

BRASIL. **Gênero e Diversidade Sexual na Escola: reconhecer diferenças e superar preconceitos**. Brasília: MEC/SECAD, 2007.

BRASIL. **Relatório sobre violência homofóbica no Brasil**. Brasília: secretaria de direitos humanos. 2012.

CAMPOS, G. W. S. **Apoio matricial e práticas ampliadas e compartilhadas em redes de atenção**. Psicologia em Revista, 2012 18(1), 148-168.

CAMPOS, A. C. de O. **Pluralidade cultural e inclusão na formação de professoras e professores: gênero, sexualidade, raça, educação especial, educação indígena, educação de jovens e adultos**. Cad. Pesqu. 34(123), 730-734. 2004.

CARNEIRO, N; MENEZES, I. **Paisagens, caminhos e pedras: Identidade homossexual e participação política**. In A. F. Cascais (Ed.), Indisciplinar a teoria: Estudos gays, lésbicos e queer (pp. 117-141). Lisboa: Fenda. (2004).

CORRÊA, Sonia. **Cruzando a linha vermelha**: questões não resolvidas no debate sobre direitos sexuais. Em Daniel Sarmiento., Daniela Ikawa., & Flávia Piovesan. (Orgs.), Igualdade, diferença e direitos humanos (pp. 323-342). Rio de Janeiro: Lúmen Júris. 2008.

COSTA, A. P. **As concepções de sexualidade de um grupo de alunas do curso de Pedagogia**: uma análise a partir do recorte de gênero. Dissertação de Mestrado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo. 2009.

COSTA, A.B & NARDI, H.C. **Homofobia e preconceito contra diversidade sexual**: debate conceitual Temas psicol. Vol.23 no. 3 Ribeirão Preto set. 2015

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

FANTE, C. **Fenômeno Bullying**: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz. 2 ed. Campinas: Verus, 2005.

FARIA, P. S & CARVALHAES, F. F. **Psicologia e ativismo**: Análise psicossocial do papel do psicólogo nas políticas públicas LGBTTTT. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas da Universidade Estadual de, Londrina, Paraná, Brasil. (2010, junho). ISSN 2177-8248.

FERNANDES, F.B.M; GROSSI, M.P; PEDRO, J. A. **Estratégias Brasileiras de Combate a Homofobia nas Escolas**. 2010.

FERREIRA, Hugo Monteiro. **A Literatura na Sala de Aula**: uma alternativa de ensino transdisciplinar. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da UFRN, 2014.

FIGUERÓ, M. N. D. **Educação Sexual**: como ensinar no espaço da escola. Em: M. N. D. Figueiró (Org.), Educação sexual: múltiplos temas, compromissos comuns. Londrina, PR: UEL. 2009.

FREIRE, L. **O ódio atrás das grades**: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. Rio de Janeiro, 2012.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GESSER, Marivete et al. **Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e sexualidade**. Psicol. Esc. Educ., Maringá, v. 16, n. 2, p. 229-236, Dec. 2012. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572012000200005>>. Acesso em 09 de novembro de 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GOUVEIA, R. & CAMINO, L. **Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade**. Psicologia Política, 9(17), 47-65. 2009.

GUILHON, Flávio et al. **Centro de Cidadania LGBT**: Memórias e Experiências no Campo das Práticas Psi em Prol da Defesa dos Direitos Humanos. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 39, n. spe3, e228604, 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498932019000700313&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16 de outubro de 2020.

- GUIMARÃES, A. F. P. (2009). **O desafio histórico de “tornar-se um homem homossexual”**: um exercício de construção de identidades. *Temas em Psicologia*, 17(2), 553-567. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php>>. Acessado em: 04 de outubro de 2020.
- IGARAY, H. A. R., & FREITAS, M. E. **Estratégia de sobrevivência dos gays no ambiente de trabalho**. *Psicologia Política*, 13(26), 75-92. 2013.
- JUNQUEIRA, R. D. (2007). Homofobia: **Limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas**. *Revista Bagoas: Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 1(1), 1-22.
- LEÃO, A. M. C. Estudo analítico-descritivo do curso de Pedagogia da Unesp-Araraquara: **nas temáticas de sexualidade e orientação sexual na formação de seus alunos**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo. 2009.
- LIONCO, Tatiana; DINIZ, Debora. **Homofobia, silêncio e naturalização**: por uma narrativa da diversidade sexual. *Rev. psicol. polít.* São Paulo, v. 8, n. 16, p. 307-324, dez. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2008000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 outubro de 2020.
- LOPES, Denilson. **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOPES NETO, Aramis A. **Bullying-comportamento agressivo entre estudantes**. *Jornal de pediatria*, v.81, n. 5, Porto Alegre, nov de 2005.
- KAMEL, L.; PIMENTA, C. **Diversidade sexual nas escolas**: o que os profissionais de educação precisam saber. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.
- KOEHLER, S. M. F.; SOUSA, A. M. V. **HOMOFOBIA, CULTURA E VIOLÊNCIAS: A DESINFORMAÇÃO SOCIAL** (2013). Disponível em: <<https://revistas.rcaap.pt/interaccoes/article/view/3361>>. Acesso em 28 de maio de 2020.
- LIMA, M, E, O. (2011). **Preconceito**. Em *Torres e col. (Orgs.). Psicologia Social: Temas e Teorias*. (pp. 451-500). Brasília: Technopolitik.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997
- MADUREIRA, A. F. A. **A construção das identidades sexuais não-hegemônicas**: Gênero, linguagem e constituição da subjetividade (Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, DF, Brasil). 2000.
- MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral. **Gênero, sexualidade e diversidade na escola**: a construção de uma cultura democrática. P. 429. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

- MELO, Neto, J. F. **Educação popular em direitos humanos**. In M. G. Rosa (Ed). Educação em direitos humanos: Fundamentos teórico-metodológicos (pp. 429-456). Brasília: Secretaria Especial de Direitos Humanos. 2010.
- MELLO, L; BRAZ, C; FREITAS, F.R.A & AVELAR, R.B. **Questões LGBT em Debate: sobre desafios e conquistas**. 2012.
- MINAYO, M. C. S. & SILVA, R.A. **Homossexuais: entre as conquistas e a força conservadora dos preconceitos**. Revista Educação e Emancipação, São Luís, v. 10, n. 4, ed. especial, set./dez.2017.
- MOTT, Luiz. **Homossexualidade: mitos e verdades**. 1ª ed. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 2003.
- MÜLLER, Wunibald. **Pessoas Homossexuais: (Trad.) Carlos Almeida Pereira-Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.**
- NATARELLI, T.R.P. **O impacto da homofobia na saúde dos adolescentes**. Rio de Janeiro, 2015.
- NENEVÉ, M; SOUZA, M, P, R. de. **A educação para cidadania: intenção e realidade**. Revista Educação & Cidadania, 5(1), 75-84. ISSN 2006.
- PASSOS, E.; BARROS, R. B. D. **A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16(1), 71-79. 2000.
- PEREIRA, Beatriz **O. Para uma escola sem violência: estudo e prevenção das práticas agressivas**. Fundação CalousteGulbenkian. Fundação para ciência e tecnologia. PORTO: Ed. Imprensa Portuguesa, 2002.
- POESCHL, G. VENANCIO, J. **Consequências da (não) Revelação da Homossexualidade e Preconceito Sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais**. Psicologia, v26 n. 1 p. 33-53. 2012
- PRADO, M. A.M; JUNQUEIRA, R.D. **Homofobia, hierarquização e humilhação social**. Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 51 – 75.
- RAMIRES, L. **Homofobia na escola: o olhar de um educador social do movimento LGBT**. In: VENTURI, G.; BOKANY, V. (Org.). Diversidade sexual e homofobia no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2011, p. 131-140.
- RIOS, Roger Raupp. **"O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação"**. In: ____ (org.). Em Defesa dos Direitos Sexuais. Porto Alegre: Livraria do Advogado Ed. p. 111-139. 2007.
- SILVA, L. R. G. **Sexualidade e orientação sexual na formação de professores: uma análise da política educacional**. Tese de Doutorado, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, São Paulo. 2010.

SILVA, Joilson Pereira., & Barreto, Nayana Santana. **Violência escolar:** problematizando a relação entre o bullying e a homofobia. Revista Fórum Identidades, Itabaiana, 2012.

SILVA, A. S., & D'ADDIO, T. F. **Homofobia, violência e direitos humanos.** Em Marco A. B. Almeida., Alessandro S. Silva., & Felipe Corrêa. (Orgs.), Psicologia política: debates e embates de um campo interdisciplinar. São Paulo: EACH/USP. 2012.

SOUZA, E.; PEREIRA, S.J.N. **(Re) produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho:** a discriminação de homossexuais por homossexuais. RAM, Rev. Adm. Mackenzie vol.14 no. 4 São Paulo 2013.

SOUZA, J.F. **GÊNERO E SEXUALIDADE NAS PEDAGOGIAS CULTURAIS: IMPLICAÇÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL.** 1995.

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo.** 16 ed, RJ: Vozes, 1990.

TEIXEIRA F, F, S. **Homofobia e sua relação com as práticas “psi.”** Em Conselho Regional de Psicologia (CRP) 6ª Região (Org.), Psicologia e diversidade sexual (Cadernos Temáticos, 11, pp. 41-57). 2011.

TESSARIOLI, G. M. **Todos a favor da educação sexual.** In H. C. F. Ribeiro, et al. (Eds.). As minhas, as suas, as nossas sexualidades. São Paulo: (2013).

TONELI, M. J. F. **Direitos sexuais e reprodutivos:** algumas considerações para auxiliar a pensar o lugar da psicologia e sua produção teórica sobre a adolescência. Psicologia & Sociedade 16(1), 151-160. 2004.

VIANNA, C, P; DINIZ, D. **Em foco: homofobia nos livros didáticos, um desafio ao silêncio.** Psicologia Política, v. 8, n. 16, p. 305-306, jul./dez. 2008.